



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

ESDRAS BANDEIRA FERNANDES

**OS CICLOS DA MULHER IDOSA: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO ETARISMO A
PARTIR DE “LUAMANDA” E “MARIA DOS PRAZERES”**

**CAMPINA GRANDE
2024**

ESDRAS BANDEIRA FERNANDES

**OS CICLOS DA MULHER IDOSA: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO ETARISMO A
PARTIR DE “LUAMANDA” E “MARIA DOS PRAZERES”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) do Curso Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras - Português.

Orientadora: Profª. Dra. Silvanna Kelly Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363c Fernandes, Esdras Bandeira.
Os ciclos da mulher idosa [manuscrito] : uma análise literária do etarismo a partir de "Luamanda" e "Maria dos Prazeres" / Esdras Bandeira Fernandes. - 2024.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Silvana Kelly Gomes de Oliveira, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Etarismo. 2. Mulher idosa. 3. Sexualidade. 4. Machismo.
5. Mulheres na literatura. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ESDRAS BANDEIRA FERNANDES

**OS CICLOS DA MULHER IDOSA: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO ETARISMO A
PARTIR DE “LUAMANDA” E “MARIA DOS PRAZERES”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) do Curso Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras - Português.

Aprovada em: 27/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thays Keylla de Albuquerque

Profa. Dra. Thays Keylla de Albuquerque
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Micaela Sá da Silveira

Profa. Dra. Micaela Sá Silveira
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Ao meu tio João Hermínio Bandeira Filho, que sempre me apoiou na minha carreira acadêmica, mas não pode me ver concluir, dedico.

“Deus meu”, disse assombrada. “Quer dizer que não era a morte!”, Encontrou finalmente a fechadura, ouvindo os passos contados na escuridão, ouvindo a respiração crescente de alguém que se aproximava tão assustado quanto ela no escuro, e então compreendeu que havia valido a pena esperar tantos e tantos anos, e haver sofrido tanto na escuridão, mesmo que tivesse sido só para viver aquele instante. (MÁRQUEZ, 1992, p. 66)

Viajando no tempo-evento de sua vida, Luamanda, distraída, esqueceu-se do compromisso para o qual se preparava no momento. Acordou, para o encontro que estava para acontecer naquela noite, quando ouviu os assobios de alguém que aguardava por ela lá fora. Apressou-se. Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera. (EVARISTO, 2016, p. 40)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER IDOSA NA LITERATURA.....	8
3 VELHICE E SEXUALIDADE: RECORTES DE GÊNERO E RAÇA.....	11
4 AS ÁGUAS DE MARIA E AS FASES DE LUA(MANDA) UMA ANÁLISE DA DIVERGÊNCIA DE OLHARES.....	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

OS CICLOS DA MULHER IDOSA: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO ETARISMO A PARTIR DE “LUAMANDA” E “MARIA DOS PRAZERES”

Esdras Bandeira Fernandes¹

RESUMO

A sociedade percebe as pessoas idosas em uma perspectiva de debilidade, assim buscando limitar o que eles podem ou não fazer socialmente, desde continuar os estudos até possuir desejos sexuais, sendo essa forma de opressão chamada de etarismo. Dentro desse contexto de opressão, a mulher idosa é duplamente transpassada, tendo em vista que o machismo atua associado ao etarismo, principalmente na sexualidade dessas mulheres, sendo estas obrigadas a se reprimirem. A partir disso, um dos objetivos desse trabalho é observar como a literatura contribui para a construção de estereótipos ao longo da história, assim como os questiona, considerando os recortes de gênero, raça e idade, tendo em vista que as mulheres idosas negras sofrem uma opressão diferente. Diante disso, é imprescindível a representação dessas mulheres na literatura, escritas por meio de uma perspectiva oposta aos padrões impostos socialmente. Diante disso, o corpus de análise serão os contos “Maria dos Prazeres” de Gabriel García Márquez e “Luamanda” de Conceição Evaristo, por meio dos preceitos teóricos de Zolin (2009), Colling (2014), Evaristo (2020), hooks (2019) e Britto da Motta (2010).

Palavras-Chave: etarismo; mulher idosa negra; sexualidade; machismo.

ABSTRACT

In society, elderly people are perceived through a lens of weakness, which seeks to limit their social activities, from continuing their studies to expressing sexual desires. This form of oppression is known as ageism. Within this context of oppression, elderly women are doubly affected, as sexism is intertwined with ageism, particularly regarding their sexuality, forcing these women into repression. Therefore, one of the aims of this work is to examine how literature contributes to the construction and questioning of stereotypes throughout history, considering intersections of gender, race, and age, especially recognizing that elderly Black women face distinct forms of oppression. It is essential to represent these women in literature, portraying them from a perspective that challenges societal norms. Thus, the analytical corpus will consist of the short stories "Maria dos Prazeres" by Gabriel García Márquez and "Luamanda" by Conceição Evaristo, analyzed through the theoretical frameworks of Zolin (2009), Colling (2014), Evaristo (2020), hooks (2019), and Britto da Motta (2010).

Keywords: ageism; elderly black woman; sexuality; sexism.

¹Graduando em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: esdras.fernandes@aluno.uepb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

É perceptível que a literatura atua como representação do mundo real e constrói estereótipos da pessoa idosa nas obras literárias que muitas vezes possuem traços etaristas, machistas e racistas. Entretanto, é importante destacar que há obras que se distanciam desse padrão, trazendo uma nova ótica sobre a temática, construindo personagens que trazem representatividade e voz a essas pessoas.

Portanto, inicialmente será observado a questão da representação da mulher idosa na literatura, isso será feito através da observação de algumas obras, como “Chapeuzinho vermelho” (1697), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), “Feliz aniversário” (1960), *Quarenta dias* (2014), “Duzu-Querença” (2016), e outros, com o objetivo de ter um panorama geral sobre as mulheres idosas na literatura, assim analisando que os estereótipos observados nessas representações não são um caso isolado, mas sim algo construído historicamente. A sexualidade e representação será investigado a partir de diferentes óticas: as obras que reforçam estereótipos da idosa e as que fogem do padrão. Diante disso, será debatido sobre a sexualidade na velhice a partir dos recortes de gênero e raça, notando como o etarismo aflige as mulheres, em sua maioria, negras.

Esse trabalho se justifica pela observação de proximidade entre os dois contos que serão analisados; “Luamanda” de Conceição Evaristo, presente no livro *Olhos d’água* (2016), assim como o conto “Maria dos Prazeres”, de Gabriel García Márquez, que se encontra no livro *Contos peregrinos* (1992), observando como as personagens dos contos são representadas e como tem o final de suas histórias bem parecidos. A análise terá o objetivo de compreender como o etarismo e o machismo se relacionam com a literatura; ao observar o tabu acerca da sexualidade da mulher idosa, notando como ocorrem as construções de estereótipos dentro dos textos literários. Além disso, questionar a forma que tem sua sexualidade representada, apresentando personagens que fogem do padrão exposto. Diante da problemática apresentada, ainda será observado como o racismo continua imbricado nas duas vertentes de opressão.

Nesse sentido, a percepção sobre a pessoa idosa varia de acordo com a sociedade na qual ela está inserida, por exemplo, numa cultura afrocêntrica, é vista como alguém sábia, alguém a ser exaltada. Diante disso, existe o conceito da ancestralidade, que é algo de suma importância para as culturas africanas, pois as tradições e valores são passados de geração a geração, principalmente em culturas orais. A pessoa idosa se torna imprescindível na manutenção da história e cultura dessa sociedade, desempenhando um papel de destaque.

Em contrapartida, as culturas de sistema capitalista tratam os indivíduos idosos como “descartáveis”, já que não geram mais capital, sendo tratados apenas como a figura da “vovó” ou “vovô”, presos dentro de estereótipos sociais. Partindo de uma visão colonial, a pessoa idosa é vista socialmente como alguém “débil”, ultrapassada, que perante o sistema capitalista não tem mais nenhuma contribuição socioeconômica a prestar, sendo assim um sujeito considerado inútil. Diante disso, passam por um processo de exclusão social devido à construção etarista de que a velhice é sinônimo de inutilidade.

Nesse sentido, há o conceito que significa o preconceito contra a pessoa idosa, que é o etarismo

O etarismo teve sua primeira definição com Butler (1969 apud MACNICOL, 2006, p. 7): “[...] um processo de estereotipação sistemática e discriminação contra pessoas por elas serem velhas, assim como o racismo e o sexismo o fazem por causa da cor da pele e do gênero”. (Loth e Silveira, 2014, p.69)

o qual parte de uma construção histórico-social do sistema capitalista, observando que esse se mantém através da produção de capital que visa ao acúmulo de riquezas através dos

meios de produção. Diante disso, a individualidade da pessoa idosa é descartada porque a velhice é vivida e experimentada de diferentes formas, partindo de posições sociais as quais vão refletir na forma como a pessoa vai envelhecer. Caso tenha sido explorada com exaustivas jornadas de trabalho, salários baixos e outros fatores, a velhice será percebida e sentida de maneira diferente daquele que teve privilégios durante sua vida.

Ademais, a velhice é vivida a partir de experiências individuais, ciclos, principalmente se observando através dos recortes sociais, assim, apesar de o etarismo também envolver o homem, a discriminação contra a mulher idosa é bem mais forte, porque essa também é transpassada pelos ideais machistas. Dessa maneira, esse estigma se alia ao machismo num contexto de opressão contra as mulheres, tendo em vista que, historicamente, estão inseridas numa sociedade que as oprime de maneiras distintas, sendo obrigadas a estar submissas a um papel sociocultural e histórico o qual lhes foi imposto. Um dos ciclos da mulher idosa seria então ser duplamente vítima dessas opressões, que por vezes acaba sendo submetida à obrigação de cuidar dos seus netos.

Ademais, a mulher negra idosa ainda é transpassada pelo racismo, o que torna a opressão sofrida por ela ainda maior, se tornando vítima do sistema capitalista, sendo obrigada a se manter produzindo e sendo explorada mesmo em sua velhice, principalmente, nos cargos de empregada. Todavia, a mulher branca, em sua maioria, não é transpassada pelo racismo, o que lhe dá o privilégio de gozar uma velhice em que, na maioria das vezes, ela não precisa se manter trabalhando para sobreviver. Assim, o racismo estrutural age nas pessoas idosas negras, principalmente as que passaram por uma vida de vulnerabilidade social, fazendo com que elas tenham, em muitos casos, que trabalhar e serem exploradas pelo sistema ainda em uma época que poderiam estar gozando de sua velhice, usufruindo de seu tempo livre.

Dessa forma, os estereótipos acerca da mulher idosa se constroem, possivelmente, partindo da visão da mulher pura, virginal e jovem, assim a idosa seria considerada uma “vovó”, ou seja, aquela figura que ainda possui traços maternos, dentro de um padrão machista que servirá apenas para serviços domésticos ou outros trabalhos de cuidado. Isto significa que perduram os papéis históricos impostos à mulher, de cuidar da casa e dos filhos, que agora seriam os netos. Entretanto, algumas dessas mulheres sequer desempenham esse papel, pois são consideradas “inúteis” perante a sociedade, são elas, majoritariamente as que na velhice se tornam dependentes, principalmente em decorrência de alguma doença. Quando o corpo físico já não tem mais a vivacidade a qual tinha na juventude, o que faz com que muitas delas precisem ficar aos cuidados de seus familiares.

Para tanto, essa é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, porque será embasada em textos teóricos acerca das temáticas até aqui apresentadas. Nesse sentido, dentre os autores que compõem essa pesquisa, encontramos Zolin (2009) com os conceitos acerca do feminismo na literatura, Colling (2014) que aborda o feminismo numa perspectiva mais histórica, Evaristo (2020) conceituando representações sobre a mulher negra na literatura, hooks (2019) abordando temáticas sociais sobre a mulher negra e Fernandes (2022) abordando conceitos sobre a velhice e a sociedade. Portanto, esse trabalho contribui para o debate acerca das mulheres idosas negras e como sua sexualidade é representada na literatura, dando visibilidade e voz para elas.

2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER IDOSA NA LITERATURA

A pessoa idosa é alvo de falas etaristas: “você já está velho demais para isso”. É uma das frases as quais impõem um limite de idade para fazer determinadas ações como fazer uma graduação, concluir o ensino médio, ou até mesmo ter uma vida sexual ativa, se o corpo ainda lhe permitir. Há um tabu quanto a sexualidade dessas pessoas, por mais que o seu corpo,

muitas vezes, não sinta desejos como na juventude, mas aqueles que querem ter relações sexuais são cercados por esse tabu. A própria palavra usada para se referir a esse grupo de pessoas denota algo acabado pelo tempo, que precisa ser substituído, ou seja, o estereótipo da pessoa idosa é reforçado também pela forma como nos direcionamos a essas pessoas, isto é, os nossos discursos.

Adentrando no contexto da literatura, é possível perceber construções estereotipadas desses indivíduos ao longo da história, sendo tratados, majoritariamente, como personagens secundários, isto é, não são tão fundamentais para o enredo, desempenhando uma função subalterna como apresenta Junior (2009). São descritas como figuras sábias, conselheiras, ou como megeras, todavia, isso depende dos recortes dessa figura, pois quando se trata de uma mulher, principalmente negra, possui uma construção diferente.

Ao passar dos anos, considera-se que há a perda de feminilidade² da mulher, como aponta Fernandes (2022), o que vai torná-la menos desejada, e por falta de conhecimento sobre a própria velhice, é transformada em algo a se temer. Sendo assim, faz-se necessário observar como a literatura reforça e questiona estereótipos advindos da própria sociedade.

[...] feminilidade já a torna suspeita - é sempre um ser maléfico. Se alguma vez pratica o bem, é que, na verdade, seu corpo não passa de um disfarce - do qual se despoja, aparecendo como uma fada resplandecente de juventude e beleza. As verdadeiras velhas são - como nos poetas latinos - fêmeas de ogros, feiticeiras malvadas e perigosas (Beauvoir, 2018 apud Fernandes, 2022, p.26).

É possível trazer outras representações da mulher idosa na literatura, como o conto da “Chapeuzinho vermelho” (1697) de Charles Perrault, em que a sua avó aparece apenas como personagem secundária, assim como outros contos de fadas que carregam esses estereótipos, a exemplo da idosa bruxa em “João e Maria” (1812) e em “Rapunzel” (1812) dos Irmãos Grimm. Ambos mostram a figura solitária, que vive sozinha numa casa, que é rabugenta, maldosa e sobretudo de aparência considerada feia, sendo essas representações mais presentes em contos mais fantasiosos, ou de uma era medieval. É perceptível a mudança de perspectiva dentro desses moldes na era moderna, observando que a sociedade passa a ter uma perspectiva mais centrada na figura da “avó”, aquela que irá manter vivas as memórias do passado, que irá aconselhar, cuidar dos mais novos e entre outros.

Ademais, tem-se a mulher contadora de histórias, que também pode entrar no perfil de idosa sábia, aquela que aconselha por ter mais experiência de vida, ou seja, além de contar histórias, elas possuem uma moral. Uma personagem que se encaixa nesse perfil é a Dona Benta do livro *Sítio do pica pau amarelo* (1931), do autor Monteiro Lobato, que está sempre a cuidar de seus netos, os aconselhando e contando contos fantasiosos. O estereótipo de mulher idosa sábia também pode ser vista no livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) de Ana Maria Machado, cuja história gira em torno da neta conseguir conversar com sua bisavó e a tratar como uma amiga; a bisa a aconselha sobre acontecimentos cotidianos, no entanto, há conflitos geracionais em torno disso, porque os conceitos já não se aplicam à realidade contemporânea da neta. A bisavó também relembra coisas de seu passado, notando as mudanças do tempo, das brincadeiras, objetos, costumes, o que é bem característico de quando se trata de personagens idosas.

Outros exemplos podem ser vistos nos contos “Feliz aniversário” (1960), “Viagem a Petrópolis” (1964) de Clarice Lispector, entre outros. Nos dois contos aqui citados as personagens idosas têm o nome quase apagado no conto, observando que na maioria das vezes são chamadas por apelidos ou de “vovó”, o que as restringe a certos papéis sociais. São

² É importante ressaltar que o termo *feminilidade* é relacionado ao conceito de Funck (2011) “[...] é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere [...]”

tratadas como personagem “plana”, como explica Forster (1974), a qual seria identificada apenas por sua categoria social, aqui sendo a “vovó” ou “vovozinha”, não possuindo uma grande densidade psicológica. Muitas vezes sendo a personagem *estereótipo*, ainda conforme o autor, carregada de signos excessivos daquela determinada categoria social, ou a personagem *tipo* que é unicamente caracterizada pela posição que ocupa na sociedade.

O conto de Clarice, “Feliz aniversário” (1960), gira em torno de uma festa de aniversário de uma senhora de 89 anos, que é cuidada por uma de suas filhas. O nome da personagem, D. Anitta, é citado apenas uma vez ao longo do conto por uma de suas vizinhas; ela sempre é secundarizada ao longo da história, colocada como *a velha, a vovó ou a mãe*, dessa maneira sendo definida apenas pelos seus papéis sociais. O conto é um retrato do abandono que as pessoas idosas sofrem, pois o único dia que a visitam é no dia do seu aniversário, mas nesse dia ela é posta na sala como um objeto decorativo, ou seja, as pessoas só interagem com ela para a parabenizar e ao final da festa quando se despedem.

A velha cansada de ser tratada dessa forma cospe no chão como revolta, seguidamente pede um copo de vinho, logo é repreendida por uma de suas netas de que aquilo poderia lhe fazer mal. No entanto, a velha se zanga: Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. “Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy!” ordenou. (Lispector, 2016 p. 186). Com base nesse exemplo, percebe-se que na velhice muitos idosos perdem o poder de ter suas próprias escolhas, tendo que ceder aos desejos dos que cuidam deles; assim, aqui a personagem tenta tomar de volta para si as rédeas de sua vida, contudo, devido à sua condição física que a faz depender de sua filha para realizar ações cotidianas, não há como isso acontecer.

Ainda nesse viés, no conto *Viagem a Petrópolis* (1964), Lispector narra a história de uma mulher idosa abandonada pela família, que também não possui direito a fazer suas próprias escolhas, no entanto, a sua maior dependência é a financeira. Margarida, cujo nome é substituído pelo apelido de *Mocinha*, vive nos fundos da casa de uma família que um dia se cansa dela e a deixa na casa de outro familiar, no entanto lá também é enxotada, vai para a rua e morre. A partir disso podemos observar um recorte da realidade no conto:

Trata-se, portanto, de um processo social que inferioriza a mulher e ressoa nos pensamentos/discursos ao revelar a complexidade do tratamento discriminatório que recai nessa figura, sendo reduzida ao desprezo e a improdutividade aos olhos da sociedade. (Barbosa, 2007 apud Fernandes, 2022, p. 25)

O processo social de inferiorização recai também sobre o homem idoso, mas recai de maneira mais ofensiva sobre a mulher. Nesse sentido, é perceptível o retrato de abandono dos idosos que pode ser descrito de várias maneiras, como pôde ser visto nos contos citados, desde a banalização daquela pessoa enquanto ser humano, participante das relações sociais, tornando-o como um objeto qualquer. Perde-se assim as relações de afeto com aquela pessoa, afinal ela já não se torna alguém relevante de ser visitada ou lembrada, o que ocorre tanto com D. Anitta (*Feliz aniversário*), quanto com Margarida (*Viagem a Petrópolis*). No segundo conto citado o abandono é construído de maneira mais voraz, já que a personagem deixa de ter casa para morar e passa a viver na rua.

Nesse sentido, o livro *Quarenta dias* (2014) de Maria Valéria Rezende traz um movimento parecido do conto acima, já que a filha de Alice, Norinha, a chantageia e faz com que ela vá morar em outro estado para cuidar de um possível neto. No livro em questão, a personagem é obrigada a abdicar de toda sua vida para atender aos desejos da sua filha, saindo da cidade que gostava, vendendo os seus objetos que tinha relação de afeto, para ser abandonada em uma cidade desconhecida, pois a filha não mantém qualquer comunicação com a mãe. Nesse recorte da narrativa, Alice passa a se tornar governada por sua filha:

O próprio discurso foi moldado neste controle do corpo envelhecido, que se torna inexplorável, sendo rejeitado e desacreditado. Os efeitos deste processo de marginalização podem estar ligados como as tendências do passado, que tinham como objetivo “[...] governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos” (Sant’anna, 2001 apud Fernandes, 2022, p. 38)

Diante disso, é possível observar que na velhice muitos idosos passam pelo processo de inferiorização, ficando à mercê do controle de filhos, ou familiares próximos, perdendo a sua própria autonomia, passando por situações abusivas como as que são descritas no livro *Quarenta dias* (2014). Os discursos de controle da filha perante a mãe são reflexo da sociedade etarista, afinal Alice já não tinha força de trabalho a oferecer, portanto, poderia estar cedendo aos caprichos de sua filha, desempenhando o papel de avó, que seria também uma opressão machista de que a mulher tem o papel social de mãe, observando mais uma vez os ciclos da mulher idosa que é transpassada pelo etarismo e machismo, estando interseccionados.

Nesse sentido, a personagem Duzu-Querença da autora Conceição Evaristo, presente no livro *Olhos d'água* (2016), que narra a história de uma mulher idosa que vive em situação de rua; diferente das personagens citadas anteriormente, Duzu está nessa forma por ser vítima de vulnerabilidade social. Dessa forma, é um retrato do abandono do Estado que não promove meios para que ela possa ter uma velhice com seus direitos assegurados, sendo uma forma de observar como o racismo aflige as pessoas negras idosas. A personagem foi abandonada pelos pais na infância, para que trabalhasse como arrumadeira num prostíbulo, sem que ela soubesse do que se tratava aquele ambiente, no entanto, ela acaba entrando de maneira abrupta num dos quartos e descobre o que se passava ali, conseqüentemente passa a trabalhar como prostituta.

Duzu teve nove filhos, no final de sua vida, quando morava na rua, ainda pensou em voltar a morar no morro, não fica claro em que lugar a personagem estava no fim da vida, mas é possível observar que ela não possuía o cuidado dos filhos. É perceptível que o abandono sofrido por ela é bem mais forte do que as personagens citadas acima, afinal ela era alguém que havia sido desprezada pela sociedade, desde muito cedo, e na velhice enfrentava a solidão a partir da fantasia. Ela gostava muito do carnaval, enfeitava-se toda com o pouco que tinha e, por fim, morre, porém não fica claro se de velhice ou de fome.

Diante do exposto, é imprescindível observar a representatividade da mulher idosa nos contos citados, principalmente quando se é negra, pois da mesma forma que são apagadas socialmente, muitas vezes sequer aparecem nos textos literários, ou quando aparecem é de maneira estereotipada. Nesse sentido, antes de se chegar ao objeto central desse trabalho, urge a necessidade de elaborar esse panorama literário, buscando personagens que se aproximem do tema aqui abordado, exclusivamente mulheres, já que é o enfoque da pesquisa, para que se tenha uma ampla visão de como as idosas são representadas na literatura.

3 VELHICE E SEXUALIDADE: RECORTES DE GÊNERO E RAÇA

É importante analisar a construção da sexualidade da mulher num todo dentro de uma sociedade machista. Inicialmente observa-se o mito da mulher pura e virginal, que é muito presente nos ideais da escola romântica da literatura, em que, de acordo com Sant’anna (1985), as formas de representação seria do anjo loiro, sendo ela um objeto de desejo inalcançável, ou seja, uma “mulher-flor”, a qual deveria ser admirada à distância, até o momento de desposá-la.

A mulher era tida como esse objeto de difícil acesso, e no imaginário social era comparada com Maria mãe de Jesus, sendo, dentro dessa perspectiva, perceptível como a própria figura religiosa segue virgem até o fim de sua vida. Nesse sentido, carrega o título de “Virgem Maria”, tornando possível que esse imaginário social influencie o estereótipo de que

a mulher tem de seguir padrões de “santidade” para ser considerada uma mulher respeitada diante da sociedade. Colling (2014) afirma que, em tese, esse pensamento seria uma transcendência do sagrado, em que a mulher estaria recusa aos desejos da carne, isto é, sua sexualidade.

Por conseguinte, a mulher que foge desses padrões, principalmente os religiosos, seria considerada na linguagem coloquial como “puta”, sendo interessante, a partir disso, observar o peso que essa palavra carrega diante das mulheres. A palavra em questão vai se referir à prostituta ou a uma mulher que tem relações sexuais com muitos homens, o que, dentro desse imaginário social cristão, mostra-se como uma forma de discriminação contra a mulher, já que o corpo de uma mulher cis³, como aponta Colling (2014), deve ser unicamente para a reprodução e não para seu próprio prazer. Por outro lado, é importante observar que dentro dessa discussão não há represália alguma contra um homem que tem relações sexuais com muitas mulheres, pelo contrário, geralmente são exaltados.

Nesse sentido, o etarismo, considerado o preconceito contra a pessoa idosa,

É um escárnio como a cultura valoriza a jovialidade, pois a sociedade nos últimos tempos é movida pelos novos valores, que privilegiam a juventude e o consumo. Esse sentimento de indiferença desencoraja o idoso na busca de uma vida ativa, e termina “[...] tornando-se um ser diminuído, descaracterizado e sem identidade” Sendo assim, a presença da alteridade se constitui nessa relação da diferença. (Secco, 1994, apud Fernandes, 2020, p.19)

O machismo e o etarismo agem, então, contra a liberdade da mulher expressar sua sexualidade, criando em torno desse assunto um tabu, a figura estereótipo que a mulher possui de pureza, transcende para a sua velhice, fazendo com que seja construída o imaginário de idosa sem desejos. Assim, torna-se algo digno de repressão, uma mulher a qual busca ter prazer sexual na velhice. O etarismo coloca os corpos idosos, principalmente o da mulher, como algo descartável, e subentende que há um limite de idade para se realizar determinadas ações. Por mais que os desejos sexuais já não sejam tão aflorados, porém que estes possam ter a escolha de ter uma vida sexual ativa sem julgamentos. Tendo em vista que a sexualidade, principalmente na velhice, é vista como algo que “já passou do tempo” de ser realizado, como se houvesse regras sociais a serem cumpridas diante de uma idade mais avançada.

{...} Também à percepção de que o homem velho e a mulher velha não são considerados da mesma forma em nossa sociedade, haja vista que o homem, quanto mais velho mais “charmoso” ou “experiente” aparenta ser, ao passo que a mulher perde o seu valor, pois já não se presta a ser objeto de desejo alheio, nem é mão de obra produtiva para o sistema capitalista. Dessa forma, sua subalternização é muito mais evidente do que a masculina, restando-lhe papéis como, por exemplo, o da “avó profissional” - mulheres que abdicam da própria vida para cuidarem dos netos. (Pereira; Maia, 2021, p. 3)

Em outras palavras, o etarismo se mostra com muito mais força para as mulheres cis, que desde o nascimento são alvo do controle social, sempre sendo forçadas a ser sinônimo de perfeição, sob a exigência de usarem maquiagem para esconder as marcas do tempo, de fazerem procedimentos estéticos, entre outros. “Em uma cultura como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital).” (Goldenberg, 2012, p. 55) Essa perda, principalmente, de capital se daria pelo fato de que com o envelhecimento da população se tem a perda de mão de obra, visto que o número de aposentados aumenta. A mulher perde, a partir dessa ótica, o direito de envelhecer, tendo que esconder os fios brancos, esticar a pele, fazer de tudo para não parecer

³ Se faz necessário a diferenciação entre os corpos de mulheres cis e trans, percebendo que sofrem opressões diferentes na sociedade.

“velha”. Em contraponto, há ao mesmo tempo a regulamentação do que se pode fazer depois de determinada idade, ao passo que esteticamente não se pode transparecer velhice, também há uma limitação quanto ao que se pode fazer, como fazer uma graduação e entre outros.

Portanto, é perceptível como todos esses fatores contribuem para demonstrar como o machismo e o etarismo afetam a vida da mulher. É interessante destacar que parte das discriminações etárias partem do machismo, já que este incita que a mulher é apenas um objeto, algo que deve servir os homens, dessa maneira, perdendo sua utilidade sexual e doméstica, perde o seu valor. Nesse sentido, os desejos sexuais da mulher sequer são levados em conta, tornando-os um tabu, e tudo isso é refletido nas narrativas presentes na literatura.

Em verdade, há uma rejeição social, histórica, à condição de velhice, personificada nos idosos, que nas objetivações próprias da modernidade se constitui, ao mesmo tempo, em negação do passado e do futuro; rejeição a uma figura de certo modo ambígua, que remete ao mesmo tempo ao passado (ao que já passou e se tornou “superado”, “inútil” e oneroso) e ao futuro; o futuro que ele aponta e se nos afigura à espera de cada um – doenças, perdas, dependência e fealdade; senilidade e proximidade da morte. (Brito da Motta, 1998, apud Britto da Motta, 2010, p. 241)

Assim, se observa que o etarismo é fruto de uma construção social, notando que é construído a partir de ideais coloniais, já que a ideia de velhice ligada à obsolescência nasce do sistema capitalista, visando o tempo limite que aquele trabalhador tem para vender a sua mão de obra. Surgem as regulamentações sociais de idade diminuindo os limites de permissividade de acordo com a idade que a pessoa possui, tendo que assumir papéis sociais pré determinados. A mulher idosa estaria então fadada a ser uma “avó”, mesmo que não gere filhos, pois esse é o papel social pré determinado para ela, entretanto, diante de um recorte de raça esse quadro muda.

No entanto, observando agora as mulheres negras na sociedade, é perceptível que de maneira histórica elas estão dentro de uma perspectiva de hiperssexualização, a mulher negra traz cicatrizes do período de escravidão em que eram vendidas como um objeto qualquer. Nesse sentido, na velhice, quando a mulher branca tem, em tese, um momento de aposentadoria e liberdade, a mulher negra idosa, devido ao racismo estrutural, muitas vezes tem de continuar trabalhando, assim como em séculos passados, principalmente em trabalhos domésticos.

O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: “domésticas” ou “mulatas”. O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ele é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. (Gonzalez, 2020, p. 44)

Diante disso, é construído, historicamente, um ideal de serviço perante o corpo da mulher negra, sendo estereotipada num corpo-objeto que tem apenas a função de servir ao outro, seja sexualmente ou nos demais quesitos de servidão. Isso pode ser percebido também em obras literárias ou televisivas. “Representações de corpos de mulheres negras na cultura popular contemporânea raramente criticam ou subvertem imagens da sexualidade da mulher negra que eram parte do aparato cultural racista do século XIX e que ainda moldam as percepções hoje.” (hooks, 2019, p.112) Nessa perspectiva, dentro da literatura e demais formas de arte, as mulheres negras ainda recaem nos estereótipos abordados até aqui, sendo notável como são vistas como mulher-objeto.

Sua sexualidade é construída a partir do prazer do outro, serviços sexuais, poder, ou seja, há uma hiperssexualização de seu corpo, visto que quando observa-se as construções raciais do ser negro, existe uma animalização desse indivíduo. Como podemos exemplificar

na literatura que a personagem Rita Baiana de *O cortiço* (1890), quando é vista dançando, seu corpo não dança como uma celebração de algum sentimento, pelo contrário, evoca tesão sexual, seu corpo exala um desejo sexual exacerbado, animalesco, analisando a partir da ótica discutida.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: [...] ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (Azevedo, 1997, p. 35)

Ainda sob essa perspectiva, é imprescindível fazer uma analogia dentre as figuras femininas da literatura brasileira, com o intuito de perceber como a mulher negra idosa é construída no imaginário social. Enquanto as mulheres brancas estão dentro do imaginário de sexo apenas para a reprodução, as mulheres negras, como foi abordado, são direcionadas para o deleite sexual do macho, sem fins reprodutivos. Logo, há o questionamento de quando o corpo explorado não se torna mais objeto de desejo por estar velho, qual seria o valor atribuído a ele? A mulher negra passa de hiperssexualizada a alguém que não é mais desejada, sua utilidade agora seria apenas para serviços domésticos.

Para além das narrativas literárias, as pesquisas acadêmicas não contemplam a sexualidade da mulher negra idosa, muito menos como o racismo afeta a forma como é vista sexualmente pela sociedade. Notando que é necessário se pesquisar mais sobre o assunto. No geral, a sexualidade das mulheres idosas é apagada, mas também é interessante observar as mulheres que são hiperssexualizadas durante a juventude e passam a ser rejeitadas por completo, dessa maneira passando a vivenciar a solidão da mulher negra de uma forma mais acentuada, afinal, como já foi debatido, a velhice seria um momento de rejeição.

4 AS ÁGUAS DE MARIA E AS FASES DE LUA(MANDA) UMA ANÁLISE DA DIVERGÊNCIA DE OLHARES

O conto “Maria dos Prazeres”, publicado no livro *Contos peregrinos* (1992) do autor Gabriel García Márquez⁴, vai narrar a história da personagem com o mesmo nome do título, nascida no Brasil, mas foi vendida pela mãe e abandonada na Espanha, onde sua profissão se torna a de prostituta. Na velhice é expulsa de seu prostíbulo e passa a morar numa casa própria num bairro em Barcelona. Um dia, através de um sonho, pressente que irá morrer e, diante disso, passa a se preparar para o dia de sua morte, contrata um serviço funerário, escolhe sua cova num lugar alto para que a água não chegue, pois tem traumas de sua infância assolada por enchentes. Para que alguém chorasse em seu túmulo ensina seu cachorro Noi a identificar sua futura cova, para que ele possa chorar por ela.

Ao longo dessa preparação, vai ao cemitério aos domingos zelar por sua cova, e numa dessas visitas, quando volta para casa sob uma bruta chuva, um carro misterioso a oferece uma carona, com um rapaz que parecia trabalhar como motorista, o qual faz questão de deixá-la na porta de casa e a questiona se pode subir. O conto termina quando Maria escuta o rapaz subindo as escadas e acaba percebendo que talvez aquele sentimento de ansiedade por causa da morte poderia ser outra coisa, talvez de um desejo que estava para se consolidar.

O retrato de abandono pode ser percebido a partir dessa pequena apresentação do conto, pois a personagem fora abandonada por seu prostíbulo, por já estar em idade avançada

⁴ Autor, jornalista e ativista colombiano, mais conhecido como Gabo, foi um dos principais autores do realismo mágico. Suas principais obras são *Cem anos de solidão* (1967) e *Amor nos tempos de cólera* (1985).

e não atender mais aos gostos dos clientes. Ela ainda mantém contato com um conde, que a visita uma vez por mês, todavia, após uma briga ele para de ir visitá-la, e Maria se encontra mais uma vez sozinha. O próprio nome que é dado a personagem é um nome genérico, o qual denota uma pessoa qualquer, como muitas outras “marias”. É perceptível no conto o quanto a solidão marca a vida da personagem, pois fora abandonada por sua mãe, por seu prostíbulo, que por muito tempo foi seu lar, e agora por seu último amante.

[...] sua mãe a vendera aos catorze anos no porto de Manaus e que o primeiro-oficial de um barco turco desfrutou dela sem piedade durante a travessia do Atlântico e depois deixou-a abandonada sem dinheiro, sem idioma e sem nome no pântano de luzes do Paralelo. (Márquez, 1992 p. 63)

A própria velhice marcada como sinônimo de rejeição, principalmente para as mulheres, faz com que o narrador lembre do seu passado de abandono da personagem, das enchentes que foi vítima quando criança, lembrando a ansiedade dos dias de bruta chuva, fazendo com que ela passe a sonhar com a morte. A água é um elemento presente no conto de maneira subjetiva, sempre relacionado a um momento de ansiedade ou mudança, seja das enchentes que matou muitos em sua infância, ou o abuso sexual que sofrera quando fora levada a Espanha, os traumas da personagem sempre estão ligados a água.

Ela tinha contado ao conde que sua mãe a vendera aos quatorze anos no porto de Manaus e que o primeiro-oficial de um barco turco desfrutou dela sem piedade durante a travessia do Atlântico e depois deixou-a abandonada sem dinheiro, sem idioma e sem nome no pântano de luzes do Paralelo. (Márquez, 1992, p. 63)

A solidão da personagem faz com que ela prefira a morte a ficar daquela forma que vivia, ensinou seu cachorro a chorar para que houvesse “alguém” que chorasse em sua tumba, afinal ele era o único que lhe fazia companhia, após sonhar com a morte “sentiu-se mais ligada que nunca àquela criatura da sua solidão.” (Márquez, 1992, p. 60). O ser vivo mais próximo a ela, era o seu próprio cachorro, que dificilmente a abandonaria, com a ânsia de morte, ela se apega com todas as forças a última companhia que lhe restara.

Maria não possui filhos, o que faz com que ela recaia no estereótipo de personagens negras que são alvo de desejo, contudo não são vistas como potenciais esposas, mães e avós.

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e /ou corpo-objeto de prazer do macho-senhor, não desenha para ela imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para mulheres brancas em geral. Personagens negras, como Rita Baiana, Gabriela e outras, não são construídas como mulheres que geram descendência.” (Evaristo, 2020, p. 2)

É bem certo que ao longo do conto a personagem transcende alguns estereótipos da mulher idosa, pois tem uma vida sexual na velhice, é uma mulher independente, mas ainda cai em outros, quando ainda é vista como um mero objeto o qual pode ser descartado. “[...] como criatura não para ser *esposável*, mas para ser *comida*, a mulata⁵ é o lugar recorrente do desejo imaginário escravocrata” (Sant’anna, 1985, p.33). O olhar de Márquez (1922) diante dessa personagem, apesar de fugir um pouco dos ideais etaristas, ainda constrói uma personagem idosa negra na perspectiva da solidão, que não é a mulher a qual os homens procuram para se casar. Maria é prostituta, e durante a narrativa o prazer sexual é voltado apenas para o homem, dessa forma seu próprio prazer fica em segundo plano, servindo apenas como objeto de desejo.

⁵ O termo usado pelo autor na citação é um termo racista, que na atualidade não é mais usado, porém como se trata de uma obra publicada em 1922 ainda não havia uma reflexão acerca de palavras racistas.

O conto é finalizado mais uma vez com a água como prenúncio de mudança, uma bruta chuva, “uma tormenta súbita na saída do cemitério” (Márquez, 1992 p. 64). Maria vive um início de conto de fadas, um rapaz negro vem salvá-la dessa chuva, a leva até a porta de casa e pergunta se pode subir ao apartamento dela. De início a mulher acha que o jovem estaria caçoando dela, mas ao ouvir os passos na escada se espanta. Por fim, ela sente que talvez aquela ansiedade que sentiu naquele sonho, não fosse a morte, mas sim um prenúncio de um desejo sexual que estava para ser consumado, e é interessante analisar através do texto os ciclos relacionados a medo e outros sentimentos ruins, para se demonstre algo diferente do esperado.

Pelo histórico da profissão da personagem, é possível compreender que aquela fosse a primeira vez que ela se relacionaria com alguém de maneira pessoal e que aquele momento fosse como a solidão dela estivesse acabado. “[...] e então compreendeu que havia valido a pena esperar tantos e tantos anos, e haver sofrido tanto na escuridão, mesmo que tivesse sido só para viver aquele instante.” (Márquez, 1992 p. 66). Por causa da velhice, a personagem sofria uma solidão tamanha que entrou em êxtase, quando percebeu que alguma vez em sua vida havia sido escolhida ao invés de abandonada e talvez a ansiedade que sentia era o medo de alguém entrar em sua vida e mais uma vez ser deixada de lado, como aconteceu muitas outras vezes.

Considerando a autoria masculina de Gabriel García Márquez, sabe-se que a mulher foi escrita ao longo dos anos através de olhares masculinos, visto que elas exerciam o papel de escritoras, mas não possuíam muita visibilidade em suas obras, devido ao patriarcalismo.

Nos limites desse sistema, o ser feminino é subordinado ao masculino ou tratado como um masculino inferior; o poder é exercido na vida civil e doméstica de modo a submeter a mulher, que a despeito dos avanços democráticos, tem continuado a ser dominado, desde muito cedo, por um sistema rígido de papéis sexuais. (Zolin, 2009, p.189)

Diante disso, a perspectiva de escritos sobre a mulher era quase sempre a partir dos ideais machistas e patriarcais, fazendo com que ela fosse objetificada, não tendo sua subjetividade explorada. Nesse sentido, o lugar social em que é posta, tendo que ser submissa ao homem, fazendo com que, a ótica sob a qual ela é escrita fosse, em sua maioria, de dominação; na atualidade esse olhar ainda se repete, por mais que agora a mulher possa contrapor e escrever sobre si mesma, e não por um olhar alheio. Por meio desse viés, é perceptível a divergência entre os olhares sob os quais as mulheres são escritas ao longo dos anos. Percebemos aqui diferença entre o olhar de um homem branco (Márquez) e de uma mulher negra (Evaristo), escrevendo sobre sujeitas de diferentes olhares.

Portanto, após analisar uma obra sobre uma mulher, escrita por um homem, agora será analisado um conto de uma mulher escrito por meio do seu próprio olhar. O conto “Luamanda”, da autora Conceição Evaristo⁶, presente no livro *Olhos d’água* (2016), narra a história da personagem com nome de mesmo título, e é iniciado com Luamanda se observando no espelho, analisando seu corpo e os sinais da velhice. No entanto, o desenrolar do conto se dá através de uma pergunta: “Tardio seria, ou mesmo haveria um tempo em que as necessidades do amor seriam todas saciadas?” (Evaristo, 2016, p. 60).

A partir disso, a personagem entra numa jornada nostálgica sobre os amores que teve em sua vida, construindo sua história através da memória afetiva; por meio delas, busca definições para o amor. Passando por suas fases, Lua(manda) retorna de seus devaneios e volta a olhar para si mesma no espelho, contemplando sua velhice, e nesse momento lembra o

⁶ Romancista, poetisa, contista, pesquisadora aposentada, negra é conhecida por trazer representações de pessoas negras longe de estereótipos racistas, principalmente as mulheres.

motivo pelo qual estava se arrumando. Era alguém chamando-a do lado de fora de sua casa, a chegada de mais um amor em sua vida.

A narrativa traz uma celebração do sexo, no sentido do prazer feminino, de como a personagem explorou isso durante as fases de sua vida. É interessante observar que em algumas narrativas, a sexualidade do homem é mais explorada, de maneira que pelo senso comum ele teria mais tesão, uma “sede” sexual bem maior do que a mulher, e esse desejo começasse a partir de sua infância. O desejo sexual da mulher, dentro da perspectiva machista, é algo a ser reprimido, o prazer feminino é algo mal visto.

O texto vai de encontro a esses ideais ao colocar a personagem explorando a sua sexualidade desde muito cedo, apenas para mostrar o contraponto que há entre o homem e a mulher. Nesse sentido, Luamanda é uma mulher que contempla o desejo sexual feminino, não reprimindo-o, nem o condenando, mas construindo como algo belo e natural, principalmente na fase da vida que ela estava que é a velhice.

Ao longo do conto a personagem busca por definições do que é o amor através de perguntas, como uma forma de compreender do que se trata esse sentimento, “O amor dói?”, “O amor é terra morta?”, “O amor é terremoto?” (Evaristo, 2016, p. 60). Através dessas reflexões a história de Luamanda é narrada, perpassando por questões de relacionamentos, sexo e sexualidade, visto que a personagem é uma mulher bissexual: “O amor se guarda só na ponta de um falo ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra?”. O texto promove uma celebração ao prazer feminino, inclusive a masturbação feminina, quando Luamanda passa por um momento delicado em que contrair uma IST, e tem que redescobrir o prazer em meio a sua dor.

Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesmo, com as mãos espalmadas e leves imaginava lenitivos carinhos. Chorando alisava, bulia, contornava uma cicatriz que ficara desenhada em um ponto da pele, onde os pelos se rareiam para sempre. (Evaristo, 2016, p. 63)

Quanto à temática da velhice, a personagem tem uma visão contemplativa dessa fase da vida, expressando uma subjetividade sua, era uma de suas paixões,

Tantos foram os amores na vida de Luamanda, que sempre um chamava mais um. Aconteceu também a paixão avassaladora pelo velho, pelas rugas que ele trazia na pele, pelo cansaço dele, pela cópula que ela esperava e espreitava durante dias e dias. (Evaristo, 2016, p. 62)

Ela se apercebe da velhice alheia e de sua própria, mas como uma forma de ser no mundo, não algo a ser escondido, executado, visto que para ela era algo belo, indo de encontro aos ideais etaristas os quais regem a sociedade, que buscam excluir e controlar esse corpo idoso. Assim ela traz novas significações para esse corpo rejeitado, a exemplo de quando vê os fios brancos em seu cabelo, “Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais.” (Evaristo, 2016, p. 63) tendo uma relação afetuosa com sua imagem idosa.

A personagem foge dos estereótipos de mulher idosa negra, mostrando e vivendo seus desejos sexuais mesmo na velhice, conseguindo explorar o seu próprio prazer. Ademais, contraria o ideal presente na literatura de que a mulher negra nunca é construída como alguém que gere descendência, no conto além de mãe ela é avó: “Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo”. Os papéis sociais aqui abordados não a restringem, mas sim complementam a personagem dando uma densidade maior a quem ela é.

Ao final do conto, temos uma quebra dos devaneios que a personagem fazia, fazendo com que ela retornasse ao momento em que se encontrava se observando no espelho. É interessante analisar o movimento feito entre o entrar no devaneio e o voltar à realidade, utilizando-se do próprio nome da personagem Lua(manda), que faz uma relação com a

própria lua. Observando que a lua faz relação com os ciclos menstruais, sendo sinônimo de passagem do tempo e fases:

A Lua é um símbolo dos **ritmos biológicos**: Astro que cresce, decresce e desaparece, cuja vida depende da lei universal do vir-a-ser, do nascimento e da morte... a lua conhece a história patética semelhante à do homem... mas sua morte nunca é definitiva... Esse eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim fazem com que a lua seja por excelência a astro dos ritmos da vida... (Chevalier, 1989, p. 561)

A história de vida de Luamanda é marcada por fases, assim como a lua, estando a princípio cheia, “Era a lua mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra se desmilinguia todinha.” (Evaristo, 2016, p. 59). Ao perpassar por sua história, fica minguante, crescente, e por fim ficar cheia novamente, representando algo parecido com uma morte simbólica como a da lua, quando enfrenta uma IST:

E durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. [...] Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com o seu próprio corpo. (Evaristo, 2016, p. 62)

Diante disso, tem que redescobrir o prazer (crescente), até o início de um novo amor (cheia). Ainda, conforme afirma Chevalier (1989) a lua seria um símbolo de transformação e de crescimento, observando que a personagem também passa por mudanças. No texto, também há menção aos ciclos menstruais, isto é, os “ritmos biológicos” apontados pelo autor, reafirmando a construção dessa narrativa através de fases, semelhante aos processos da lua.

Há uma diferença nas fases da vida para as duas personagens, enquanto para Maria havia a possibilidade de um desejo a ser consumado, para Luamanda era a certeza. Para Maria, o desejo foi sinônimo de medo e ansiedade, chegando a assimilar com o sentimento de morte “ ‘Deus meu’, disse assombrada. ‘Quer dizer que não era a morte!’ ” (Márquez, 1992 p. 66); já para Luamanda o amor era descoberta. A história de ambas as mulheres possuem muitas diferenças, já que Luamanda pôde gozar de mais liberdade que Maria, afinal sempre foi dona de seu próprio corpo e consegue ter uma relação com o sexo, diferente do que a personagem de Márquez (1992) possui. Ela teve a oportunidade de se descobrir nas relações sexuais, até mesmo a masturbação, agindo sempre em prol do seu próprio prazer, diferente de Maria a qual sempre teve suas relações com enfoque no prazer alheio.

Portanto, é imprescindível observar que Luamanda está mais longe de uma perspectiva de dor, da qual hooks (2019) fala em uma experiência pessoal, ao participar de um encontro de mulheres negras, momento em que, na maioria das vezes, a realidade dessas mulheres era expressa como sinônimo de dor, e essa era a única história possível de ser contada. A autora ainda aponta no artigo “Vivendo de amor”⁷ que as mulheres negras são ensinadas a ver o amor, as demonstrações de afeto, como sinal de fraqueza. Observando também que no período de escravidão as pessoas negras eram mortas, separadas de seus conjuges, familiares, impedindo que o vínculo do amor fosse criado.

Diante disso, através de seu olhar de mulher negra, Evaristo (2016) constrói a narrativa de Luamanda fora dos padrões machistas e racistas, explorando as subjetividades dessa mulher, além de suas dores e além da sexualização que o machismo a impõe, assim como rompe com os ideais etaristas, dando novas significações ao “ser idosa”, em que a personagem mantém sua vida sexual ativa ainda na velhice. Embora Márquez (1992) seja de uma geração diferente da de Evaristo, ainda constrói uma personagem levemente fora do

⁷ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>

estereótipo, visto que, mesmo idosa possui uma vida sexual ativa, além de não ser descrita como alguém débil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível observar e analisar o sujeito e a sociedade para que se possa compreender quais são as relações de poder que lhe afligem, de que forma são por isso de maneira histórica e cultural. Portanto, ao longo dessa pesquisa, foi observado e analisado como a pessoa idosa é vista na literatura, como o etarismo age para oprimi-la, ditando regras de que há um determinado tempo para se agir, e com a chegada da velhice seria impossível realizar determinadas ações. Essa opressão se dá, porque o sistema capitalista define que essas pessoas não possuem mais força de trabalho e mão de obra de qualidade para serem exploradas, sendo, dessa forma, postas à margem da sociedade.

É importante ressaltar que o etarismo tem mais força perante as mulheres, pois essas são transpassadas também pelo machismo, que de maneira interseccional oprime as mulheres, principalmente em relação a sua beleza e às relações sexuais. Dentro do espectro machista, se enxerga a velhice na mulher como uma época de perda de feminilidade, fazendo com que ela passe a ser “mal vista”, e a rejeição que a pessoa idosa passa se torne mais forte, notando que, para que seja considerada bonita, o machismo dita que a mulher deve manter um ar de jovialidade.

Nesse sentido, dentro da literatura, existem representações as quais foram percebidas dentro do estereótipo de debilidade e rejeição, ao passo que algumas vezes foi percebida, sob a perspectiva de denúncia social, a forma como essas pessoas são tratadas socialmente. No entanto, existem personagens que fogem desse padrão, demonstrando uma maior subjetividade e densidade psicológica, fazendo com que se tenha um questionamento da construção social que temos acerca dessas figuras ficcionais.

Diante disso, notamos o quanto a história, cultura e sociedade, constroem a figura da mulher, desde a jovem até a idosa, perpetuando ideais machistas, etaristas e também racistas, notando o recorte de raça, tendo em vista que a mulher idosa negra, no sistema capitalista, continua sendo explorada mesmo na velhice devido às raízes da escravidão que engessam a figura dessa mulher num local de servidão, o qual permanece até sua velhice. Quando jovem, a mulher negra é construída como figura hiperssexualizada, sendo posta como alguém para servir sexualmente e nos demais serviços domésticos, quando se torna idosa é rejeitada, sendo transpassada por uma solidão diferente que uma mulher branca poderia passar na velhice. Contudo, vale ressaltar que pouco se fala sobre isso, notando que para esta pesquisa houve uma certa dificuldade em trazer aportes teóricos especificamente sobre a mulher idosa negra.

As fases da vida de uma mulher idosa negra, como Maria dos Prazeres é pautada no auge e declínio, do ponto de vista racista o qual hiperssexualiza essas mulheres, percebendo que na velhice é descartada por seu prostíbulo, representando a solidão da mulher negra num período mais avançado da vida. No entanto, no conto de Luamanda, vê-se o contrário dessa perspectiva já que através da escrivência, Evaristo (2016) molda uma personagem que tem mais vivências com o amor, tem filhos, ou seja, não há uma representação de solidão, mas sim uma quebra desse estereótipo.

Urge a necessidade, por fim, de se pesquisar, escrever e debater sobre a mulher idosa negra, analisando como as raízes da escravidão se perpetuam em sua velhice, na maneira como o racismo age contra elas. Há também a necessidade de se construir personagens que fogem do lugar de dor que, literariamente, escreveu mulheres ao longo da história, passando agora a ser uma imagem como Luamanda, a qual tem uma densa construção, desejos a serem explorados, pensamentos profundos sobre a vida, acerca do amor e de como ele é moldado diante de uma ótica colonial e capitalista.

Longe de fechar a discussão, é preciso ir desconstruindo ideais e preconceitos enraizados na sociedade, mostrando por meio da escrivência a potência que uma mulher negra tem.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado** (UnB. Impresso) , v. 25, p. 225-250, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2014.

EULALIO, M. M. C. ; PINHEIRO-MARIZ . Provérbios sobre o idoso nas relações Brasil e África. In: Josilene Pinheiro-Mariz; Rossana Paulino de Luna. (Org.). **O envelhecer é poético nas letras**. 1 ed. Campina Grande: EDUFCA, 2014, v. , p. 127-157.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Nadilza Martins de Barros Moreira; Eliane Schneider. (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2 ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020, p. 1-8.

FERNANDES, T. P. **O corpo envelhecido na prosa brasileira contemporânea escrita por mulheres**. 2022. 123 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

FUNCK, Susana. “O que é uma mulher?” In: Cerrados. Brasília: Pós-Graduação em Literatura, 2011, p. 65-74.

GOLDENBERG, Mirian. **Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira**. Revista Caderno Espaço Feminino. v. 25. n. 2. 2012.

hooks, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019 (versão digital)

JUNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de leitura da narrativa. In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org.). **Teoria Literária - Abordagens históricas e Tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: EDUEM, 2009, v. 1, p. 33-58.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar, 2020

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LOTH, Guilherme Blauth; SILVEIRA, Nereida. **Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecidos**. Revista de Ciências da Administração, v. 16, n. 39, p. 65-82, 2014.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Doze contos peregrinos**. 13 ed. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 1992.

PEREIRA, Maria Do Rosário Alves ; MAIA, Claudia Cristina . **Entre o dilaceramento e a alegria**: considerações sobre a velhice na literatura brasileira de autoria feminina. ANUÁRIO DE LITERATURA, Florianópolis: 2021, v. 26, p. 01-16.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org.). **Teoria Literária - Abordagens históricas e Tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: EDUEM, 2009, v. 1, p. 181-203.

AGRADECIMENTOS

As muitas pessoas que estiveram comigo nessa jornada acadêmica e pessoal, cada uma aqui mencionada tem um pedaço especial no meu coração. Cronologicamente, e por maior participação na minha vida, agradeço à minha família, meus pais, Gianni e Adriana que estiveram apoiando a minha jornada acadêmica, me dando força mesmo a distância, porque a força dos laços não é medida pela proximidade física, pois o que nos conecta é muito maior. A minha irmã Ada que sonha comigo e me apoia em todos os momentos, compreendendo que a distância não faz o meu amor menor, como sempre digo parafraseando uma música “o meu amor é como uma estrela, nem sempre você pode vê-lo, mas ele sempre está lá”. Apesar disso, gosto de fazer com que o meu amor seja ouvido, visto e sentido, por isso agradeço também ao meu apoio aqui na cidade de Campina Grande, a minha avó que me acolheu em sua casa, com muita alegria e muitas canções, me apoiando para que eu pudesse seguir a minha formação acadêmica. Aos meus tios James e Jaan que me auxiliaram a conhecer a cidade e sempre tiveram uma palavra de apoio para dizer, me ajudando a prosseguir firme na caótica vida universitária. As minhas tias Bell e Dulce, que me trouxeram momentos únicos aos domingos à tarde, sempre acompanhadas de bolo, café e muito afeto.

Assim como os que estiveram mais distantes, mas sempre fizeram questão de se fazer presentes, a minha tia Ana que me apoiou e me acolheu em sua casa em momentos que eu pude fugir um pouco da realidade acadêmica. A minha tia Ângela que me acompanhou desde o ensino médio, sempre me impulsionando a ser melhor. A minha avó Maria Áurea, que sempre me aconselhou nos momentos difíceis, em que a dúvida no prosseguir atrapalhava meu desenvolvimento, sempre demonstrando muito amor por mim. Aos meus tios Jorge e José Roberto, assim como minha tia Áurea e minha tia Joana que estiveram presentes torcendo por mim. Ao meu tio João a que dedico este trabalho, que infelizmente não pode viver para me ver me formando, mas que em uma breve conversa caminhando na praia, e em muitos outros momentos, esteve a me apoiar, me aconselhando a seguir a carreira acadêmica e alçar voos maiores. Sua memória sempre estará viva em nossos corações, a forma como defendia a educação, sua inteligência e noções sobre o mundo, foi um grande historiador, que fez parte da minha história.

Na mesma proporção que a minha família me acolheu, tive amigos que fizeram parte dessa minha trajetória e passaram a ter um espaço no meu coração. A princípio, tenho um trevo de quatro folhas, pessoas raras de se encontrar, que foram Amanda, Karol e Rayana, por quem tenho um afeto enorme, sou imensamente grato ao apoio que recebi durante o cursinho, uma época em que a mudança de cidade me fazia ter um misto de sentimentos ruins, de medo e ansiedade. A amizade delas me ajudou a me reencontrar e perceber que o caminho que eu gostaria de seguir era pela educação.

Na universidade não foi diferente, tive muitas pessoas as quais fizeram parte da minha jornada na academia, são elas Clare, Eduarda Lima (Dudinha), Eduarda Nunes (Dudu), Vitória, Leticia, Ella Casulo, Ana Maria, Raama, Clara, Ana e a todos os meus outros colegas de classe que me acolheram nesses 4 anos de curso. Foram momentos únicos que vivemos juntos, sou muito grato a cada uma dessas pessoas que tornaram meus dias mais leves, cada palavra de apoio, cada conversa, espero que nossos caminhos continuem a se cruzar, e que a literatura sempre seja mais do que apenas escritos, seja um ponto de partilha de saberes, histórias e memórias.

Aos meus queridos e amados professores que marcaram minha vida de uma maneira muito especial: Silvanna, Ranieri, Bruna, Samelly, Micaela (Lady Mics), André. Apreendi muito com cada um deles, seja sobre a educação, sobre a vida, cada um tem um lugar em meu coração. Agradeço também a Tatiana e Alessandra que por meio da residência pedagógica puderam me ensinar sobre as vivências em sala de aula, como a educação pode transformar, como devemos enxergar a escola como uma comunidade, afinal os muros da escola perpassam o ambiente denominado escolar.

A amiga que a dança me trouxe, Bruna, com quem eu posso compartilhar livremente de pensamentos profundos, até meras besteiras sem sentido, obrigado por essa dança-amizade.

Aos meus amigos que encontrei no fim da jornada acadêmica, Mylena e Ítalo, mas que são muito importantes para mim, sou imensamente grato pela amizade de vocês e pela ajuda com os aportes teóricos e me ajudar a ver a sociedade de maneira mais politizada, enxergando as opressões que são invisibilizadas no nosso cotidiano.

A cada um que esteve comigo nessa jornada, amo muito vocês.